

JOGO DE BÚZIOS E IFÁ

Marcos Arino

Rio de Janeiro, Brazil

Awo Ifá Ogbe Ogunda

18/05/2012

O Material a seguir é uma revisão profunda em um texto já publicado sobre Jogo de búzios. Eu modifiquei o título porque o material mudou bastante. Quem já leu o texto anterior recomendo que leia este.

Uma questão que me incomoda bastante é a suposta existência no Candomblé de jogo de búzios baseado em Odù. Muitas pessoas dizem e se promovem falando que jogam búzios por Odù. Claro que eu sempre acreditei nisso. Contudo depois que tomei contato com Ifá e entendi o que é Odù e como é um oráculo por Odù e descobri que o Candomblé inventou uma ficção sofisticada chamada Jogo de Búzios por Odù.

No capítulo seguinte será explicado o que é Odù e só por ler este texto uma pessoa atenta vai perceber que esta explicação não tem nada haver com o que se fala no Candomblé e que em função disso a existência de um jogo de Búzios por Odù é improvável. Sim, se a base esta errada o resto todo também vai estar. Esta situação me levou a um desconforto maior, ruiu minha confiança nas coisas que se afirmava com tanta veemência. Assim, eu passei até mesmo a questionar se seria possível ter um oráculo ligado a Ifá, baseado em búzios e desta forma conectado com Órunmila (Òrúnmilà).

Tive que voltar a estaca zero e restabelecer primeiro, a minha crença na tese de que podemos ter acesso a Ifá através do uso de Búzios. Claro que isto me levou a vários caminhos como entender o que se fazia no Candomblé como Jogo de Búzios e como seria um Jogo de Búzios através de Odù e Ifá. Este foi um longo caminho e que trouxe todo este trabalho aqui.

A situação atual do oráculo no Candomblé

Eu vou voltar a esta questão no fim deste texto, mas fica mais fácil se sintonizarmos a mente de todos no que vamos tratar aqui. O questionamento do Jogo de Búzios por Odù só foi possível devido, finalmente, ao estabelecimento do culto de Ifá no Brasil com a vinda em volume, de Bábáláwo cubanos e nigerianos e também com o conseqüente surgimento dos primeiros Bábáláwo brasileiros, iniciados em Cuba, na Nigéria e agora aqui mesmo, no Brasil. Antes de Ifá, o Jogo de búzios sempre reinou soberano no Brasil, como oráculo oficial do Candomblé e referenciado, sem qualquer tipo de critério, como sendo o oráculo de Ifá. Esta supremacia solitária trouxe prestígio, mas, também, excesso de liberdade e falta de controle sobre sua prática. Só existia o Candomblé como culto de Orixá (Òriṣà) e sendo o Jogo de Búzios o oráculo do Candomblé, qualquer coisa que se falasse, por força da falta de uma outra referência tinha que ser verdade.

Com o verdadeiro culto de Ifá funcionando [atualmente] no país, e trazendo de fato o oráculo e o método de Ifá, a posição do jogo de búzios mudou completamente. Sua situação “imperial” acabou e, às referências de que se joga por odù, que são o supra-sumo da modernidade, perdem todo o sentido no momento em que se percebe que os babalorixás de nada entendem de Ifá e até mesmo o que seja um Odù. Com a vinda do verdadeiro culto de Ifá se percebeu a enorme quantidade de besteiras que os Babalorixás falam. Eles se aproveitavam da ausência de quem tivesse o conhecimento adequado, pois os babalorixás há muito tempo já haviam percebido que eles podiam falar um monte de bobagens e não ter ninguém para os contrariá-los. Para quem não conhece, este comportamento ocorre em profundidade no culto de Orixá, porque, os babalorixás, dominam o conhecimento e não permitem que as pessoas que o cercam aprendam o que eles sabem e o que elas deveriam saber. Mas esse castelo de cartas caiu, seja no culto de Orixá como no caso do oráculo.

Este texto vai abordar o assunto em todos os seus aspectos, seja autenticando o Oráculo com os búzios, o *owó eyọ méréndilógún* como sendo um oráculo de Ifá e uma comunicação legítima através de Órunmilá (Òrúnmilà), como também entendo o que hoje é feito do Candomblé.

A questão do culto aos Orixá (Òrìṣà)

O surgimento no Brasil, de uma forma quantitativamente significativa, do culto especializado ao oráculo, novo no nosso ambiente religioso, deu uma nova dimensão à discussão sobre o Oráculo no Candomblé. Primeiramente temos que lembrar que, mais do que apenas falar sobre um oráculo, Ifá é um culto diferente do Candomblé. É um culto especializado e orientado a uma divindade, Órunmilá (Òrúnmilà), o elerii (ẹlẹrií) ipin, testemunho do destino de todos nós. Os sacerdotes de Ifá se dedicam a ser os mensageiros de Órunmilá (Òrúnmilà), que por sua vez é o mensageiro dos Orixá (Òrìṣà) e de Olódúmarè, o Deus supremo, segundo os Yorùbá.

No que pese ser impossível praticar a religião sem que todos os Orixá (Òrìṣà) estejam envolvidos, conforme já foi explicado, no texto sobre o *Odù Ọ̀ṣ́-Ọ̀tù wá*, os sacerdotes de Ifá se dedicam exclusivamente a uma única divindade Órunmilá (Òrúnmilà) e tudo o que eles fazem gira em torno dele. Ifá é Órunmilá (Òrúnmilà) e é também o nome do oráculo através do qual Órunmilá (Òrúnmilà) fala conosco. Este contexto já gera um grande impacto em relação ao Candomblé, que representa um modelo totalmente diferente deste. Aqui no Brasil os Babalorixás (Bàbàlòrìṣà) se acostumaram a serem os únicos e absolutos representantes da religião africana. O Candomblé representa um modelo de centralização e gestão absolutista.

Ifá representa um duplo rompimento desse modelo e dessa forma um duplo desafio à convivência entre ambos. Ifá primeiro desafia o modelo de culto do Candomblé e em segundo desafia a primazia da propriedade do Oráculo que estava restrita às mãos do Babalorixás (Bàbàlòrìṣà). Existe ainda um agravante, em uma casa de Candomblé somente o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) usa o oráculo. Não existe ninguém para confirmar ou discordar dele e somente ele consegue interpretar o próprio Oráculo e transmitir as orientações e definições dos Orixá (Òrìṣà).

Em Ifá tudo é muito distinto. A consulta ao Oráculo é feita com toda a transparência e normalmente mais de um Babaláwo participa da consulta, fazendo uma interpretação conjunta do Oráculo. O fato de Órunmilá (Òrúnmilà) ser o elerii (ẹlẹrií) ipin e esta função estar fundamentada na teologia da religião, investe o culto a Órunmilá (Òrúnmilà) de uma importância fundamental no que se refere a oráculo, ele é o oráculo por direito da religião e isso pesa muito na visão das pessoas.

No Brasil não houve o culto de Ifá na nossa história afro-religiosa. Esse foi um culto que não veio junto com o culto dos Orixás (Òrìṣà). Além disso, não foi posteriormente inserido no contexto religioso, como acabou ocorrendo com o culto de *eegún*. Temos há muito tempo no Brasil, muito bem estabelecido e com qualidade superior a outras tradições da diáspora, o culto de Orixá (Òrìṣà), através do Candomblé das nações (nago, ketu, jeje, ijexá, hansa, mina, tapa e muitas

outras). O culto de *eegún*, trazido posteriormente, tem se multiplicado, mas não impactou o Candomblé. Ele também rompe com o modelo do Candomblé, com casas exclusivas e sacerdotes dedicado, mas, no contexto religioso, não envolve Orixá (Òrìṣà), as casas tem que ser distintas e este culto também não influencia no oráculo do Candomblé.

O Candomblé é uma tradição religiosa baseada em uma matriz teológica africana. Ele, contudo, não reflete exatamente o que existe na África porque é uma tradição originada através da diáspora negra. Esse processo, a diáspora, criou mais do que uma tradição religiosa, no nosso caso o Candomblé, o Batuque, o Xango, mas também o Lukumi em Cuba e o Voodoo no Haiti. Todas essas tradições desenvolveram conceitos e práticas próprias. Não mudaram a origem, os dogmas da religião, mas, na ausência de acesso ao dogma original, seja por questões de distância ou de língua, tiveram que se virar com o que tinham e sabiam. Isso gerou algumas variações e simplificações. Além disso o sincretismo influenciou diferentemente cada uma dessas tradições.

Uma tradição religiosa é um movimento muito comum em qualquer religião. Não se trata de uma degradação ou desagregação, pelo contrário, é uma especialização, uma melhoria, um formato que atualiza e adiciona riqueza cultural. É claro que quando a criatividade é demasiada, esse processo pode gerar uma nova religião ou então uma prática que se distancia demais da matriz teológica original, para que possamos chamá-la de tradição. Assim, é sempre necessário um certo dogmatismo e fundamentalismo porque senão a religião se perde e acaba ocorrendo um processo igual ao da Umbanda, que não significa nada, em termos religiosos.

Através desse seu processo de diferenciação, o Candomblé reformatou o culto aos Orixá (Òrìṣà) nas bases que eram as possíveis e também nas que eram necessárias para a nossa terra. Um desses aspectos, foi a centralização do culto à todas as divindades em uma só casa, sob um único teto. Isso também levou a termos um sacerdote religioso multifuncional o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà). Eu não quero aprofundar esse aspecto antropológico do Candomblé porque isso já está documentado em fontes especializadas, mas, alguns comentários são necessários para o escopo deste assunto.

A responsabilidade de um Bàbàlòrìṣà é enorme devido a concentração de poder e responsabilidades que foi feita pelo Candomblé. São atribuições religiosas e civis que se tornam inatingíveis para a maior parte das pessoas. Um babalorixá tem que administrar um grande conjunto de liturgias e especificidades inerentes às várias divindades que foram absorvidas. Tem também que administrar uma comunidade de membros com funções, aspirações, expectativas, vaidades e principalmente conflitos.

O conhecimento que eu tenho do formato Africano, era de que o culto na África tinha uma total especialização e contexto familiar e de linhagem. O culto era restrito a um grupo de pessoas e um grupo muito discreto de divindades. Os templos eram dedicados a uma divindade e o culto a uma divindade concentrado em vilas e regiões. Os sacerdotes eram especializados no culto de sua divindade. Um modelo muito diferente do nosso. Esse modelo original simplificava muito os problemas que Candomblé passou a ter.

O objetivo não é fazer comparações qualitativas com outras tradições, até porque, o Candomblé é uma tradição muito bem sucedida e completa, preservando cultos que foram perdidos pelos africanos e com liturgias, orações e cantos muito mais completos que outras tradições da diáspora. Mas, em função da complexidade reunida no Candomblé, temos sim, um problema interno de continuidade da tradição em vista da baixa qualidade da transmissão do conhecimento, da abertura por pessoas incapazes de novas casas e do lixo histórico que representa o sincretismo, mas, isso é outro assunto.

Existe uma perda de qualidade através das sucessões mal feitas e iniciados não instruídos. O processo de sincretismo também tem causados danos. A antiga diversidade e riqueza cultural de várias nações reunidas sob o rótulo de Candomblé, se foi e continua ainda se perdendo mais a cada dia, porque a falta de continuidade e transmissão de conhecimento leva as casas a abandonarem uma postura ortodoxa e a seus dirigentes adotarem liturgias e formatos de outras nações, se adaptando ao possível, preenchendo o que falta no seu conhecimento sobre sua nação com o que encontram disponível por aí.

Não podemos negar que podemos também justificar isso com outros argumentos. Existe uma facilidade muito grande de contato hoje em dia e isso gera uma forte exposição de formatos com aquele velho sentimento de que a galinha do vizinho sempre é mais gorda. Existe uma falta de disciplina no nosso povo em seguir regras e ortodoxia, existe gente que falsifica formação de modo que nunca teve qualquer tipo de transmissão de conhecimento, são imitadores e copiadores por natureza. Um fator adicional que quebrou a unidade e a falta de dedicação na transmissão de conhecimento foi a falta de unidade familiar. A religião na África era um reflexo da família, da descendência e da sociedade tribal e regional. Aqui no Brasil não havia isso. A diáspora e a organização escravagista acabaram com os laços familiares e étnicos.

Aqui, em função da falta das famílias, clãs e linhagens, o Candomblé se adaptou a esse ambiente e criou uma hierarquia substituta. Laços religiosos substituíram os familiares, ou melhor, criou os laços necessários no novo contexto social para permitir que uma religião completamente familiar se desenvolvesse. A família espiritual e a comunidade religiosa, o Egbe, não foram um

acaso, uma conveniência ou uma solidariedade. Foram uma criação necessária para que a prática religiosa pudesse existir. Mas essa conveniência de criar relações religiosas substituindo as familiares foi apenas cosmética. A relação familiar religiosa não se sustenta como legítima porque não existe compromisso ou dedicação em muitas casas em transmitir conhecimento. Além do mais, os “filhos” são tratados mais como clientes e os “irmãos” estão muito mais para Abel e Caim.

Voltando a questão do modelo do Candomblé, a convivência no mesmo espaço físico e espiritual do culto a muitas divindades de regiões e etnias *yorùbá* distintas se tornou o padrão litúrgico no Candomblé, substituindo o modelo africano. Isso exigiu adaptação do culto e criou na figura do Babalorixá (Bàbálòrìṣà) um sacerdote com muito mais responsabilidades. Apesar dessa agregação, Ifá não fez parte desse processo, certamente devido as suas características muito especializadas. Com isso o Candomblé perdeu um ramo de conhecimento importante. Essa é uma realidade a encarar, compreender e aceitar uma vez que esse culto era e sempre foi muito distinto do culto aos Orixá (Òrìṣà) e seria impossível ao mesmo ser absorvido pelo Candomblé, como se fosse mais uma divindade, mais um Orixá (Òrìṣà) e, principalmente, mais uma especialidade para o todo poderoso Babalorixá (Bàbálòrìṣà).

Em Cuba onde existe uma outra tradição da diáspora, o Lukumi, que é similar ao Candomblé em termos de centralização de divindades, existe o culto à Ifá, mas eles permanecem muito distintos. Existe uma convergência no que se refere a visão de Orixá (Òrìṣà) (eles compartilham a visão da diáspora cubana), mas são casas que funcionam separadas. Contudo em cuba o oráculo dos Lukumi baseado no uso de búzios se manteve muito próximo a Ifá em seu formato. Não é homogêneo, existem variantes mais próximas ou mais afastadas, contudo todas elas são estreitamente compatíveis com um oráculo de Ifá.

Esse modelo de convivência não se repetiu no Candomblé. Incorporar o *irunmale* (irúnmalè) Órunmilá (Òrúnmilà) também não foi possível, até porque o candomblé gira em torno do conceito de Orixá (Òrìṣà) e Órunmilá (Òrúnmilà) não pode ser tratado como sendo um Orixá (Òrìṣà). Aliás, não posso deixar de comentar e criticar, que o Candomblé é célebre por “orixalizar” todo o universo cosmogônico Yorùbá. No Candomblé os *irunmale* (Irúnmalè) são conhecidos, mas funcionalmente, ou melhor teologicamente, ignorados. Todos são substituídos no seu significado por um Orixá (Òrìṣà). No Candomblé tudo é Orixá (Òrìṣà).

Esse processo não foi devido à falta de conhecimento, foi talvez uma simplificação de aprendizado para permitir uma prática mais pragmática. A concentração de poderes e responsabilidades teve um preço. O Candomblé não encontrou em sua origem e evolução o caminho de preservar o conhecimento e o culto à teogonia original, junto com a prática de uma

religião voltada para o Orixá (Òrìṣà). Ele acabou se tornando muito complexa em função da junção do culto às muitas divindades em uma só tradição e é claro às muitas nações.

Esse modelo também levou a um outro modelo, o clerical, tendo apenas 1 única pessoa em cada casa com poderes absolutos e a centralização da transmissão do axé (aṣẹ́). Isso incluía também a manipulação do oráculo, que é a espinha dorsal de uma casa de Candomblé. Tudo, absolutamente tudo, na mão de uma única pessoa, com pouca e quase nenhuma capacidade ou vontade de dividir isso com outros na mesma casa.

Não podemos afirmar que essa concentração de funções foi o modelo inicial. Uma casa deveria ser grande e ter os cargos para que muitos membros dividissem funções e responsabilidade. O Oráculo era uma das que poderia ficar com o Oluwo da casa e este não era o próprio Babalorixá (Bàbàlòrìṣà). O resultado disso a longo prazo foi uma carga grande demais para uma só pessoa. Assim muito teve que ser simplificado. Iniciando pela teogonia Yorùbá, seguida pelo Oráculo. Em contraponto a isso o culto e liturgia dos Orixá (Òrìṣà) foi valorizada e enriquecida ao máximo.

Através desse processo, foco em Orixá (Òrìṣà) e simplificação do resto, o Candomblé foi abandonando o que era muito complicado e não fazia parte do seu núcleo. A sua ligação com Ifá chegou a existir através da vinda para o Brasil de Bangboxê. O jogo de búzios substituiu o *eérindilógún* e adquiriu variações sempre buscando uma forma mais simples de ser usado e aprendido. O problema que esta simplificação foi sendo cada vez maior e maior e os Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) encontraram na mediunidade uma forma de se desincumbir do oráculo sem ter que gastar seu tempo para aprender e muito menos, claro, ter que designar uma outra pessoa para fazê-lo. Assim o controle era total e cada vez mais imperial.

Acredito que com um pouco de criatividade podemos especular muitas motivações para esse processo, como dificuldade de ter acesso ao método de Ifá para o *owó ẹyọ m'érindilógún*, dificuldade de ler e estudar documentos e outras; mas, na base disso tem que estar a necessidade de simplificar, devido a grande carga sobre o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà).

Ifá exige dedicação devido a sua complexidade. Não havia como acomodar isso como mais um fardo sobre o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà). Contudo, nenhuma tradição dessa religião pode existir sem um oráculo. O oráculo tem que estar presente em qualquer pratica e ato da religião porque o oráculo é a forma do divino falar. Dessa maneira o oraculo teve que sobreviver, mas se distanciando de Ifá. O *owó ẹyọ m'érindilógún* foi concebido para ser uma Ifá mais simplificado. Isto esta na teoria e na prática. O seu formato tem o objetivo de permitir que o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) pratique um oráculo de Ifá e ainda possa se concentrar no culto de Orixá (Òrìṣà). Mas não foi o que ocorreu. O jogo de Búzios assumiu caminhos próprios e usou métodos alternativos. No Candomblé, Ifá perdeu

seu significado e essência, Odù perdeu o seu sentido, virou sinônimo de Caminho, o que nunca foi. Ifá virou apenas uma palavra para significar oráculo.

A gente pode ser perguntar, **o que deu errado?** Não sei ao certo. Atribuo à multiplicação de casas nanicas, com pessoas despreparadas e não voltadas para a religião.

O culto a Órunmilá (Òrúnmilà)

No Candomblé, aliás, como ocorre com outros irunmale (Irúnmalè), Órunmilá (Òrúnmilà) é uma figura distante pouco conhecida pelas massas, é uma figura “cult”. Faz parte daquele enredo “secreto” que domina a mesquinha do conhecimento. As pessoas associam o oráculo a Exu (Èṣù) e a Óxun (Ọṣun), mas, a Órunmilá (Òrúnmilà), é coisa para entendidos, apesar de todo mundo achar que sabe o que é odù. Claro que todos falam os nomes, seja Ifá como também Órunmilá (Òrúnmilà), mas sem de fato entender o que significava que estão falando. É uma coisa chique, mas, sem muito conteúdo.

O mesmo acontece também com Orí. Apesar de Orí ser um nome totalmente conhecido e o Borí, certamente, a cerimônia mais executada no Candomblé, eu não vejo com clareza as pessoas entendendo de fato o papel de Orí na sua vida ou mesmo o sentido de um Borí (Bori).

Minha análise é que, a isso, se soma aquelas coisas que são repetidas, por imitação, ao infinito. Digo isso porque, apesar de todo mundo conhecer a palavra Orí, e de forma geral, também, o seu significado na vida das pessoas, ele é no dia a dia substituído pelo Orixá (Òrìṣà) da própria pessoa ou por Orixá (Òrìṣà) que foram designados como “genéricos”, como Ọṣàlá e Yemoja. Acredito que as pessoas falam Orí, mas, no fim, querem apenas dizer Orixá (Òrìṣà) ou que ele, Orí seja apenas uma forma de se chegar ou representar o Orixá (Òrìṣà). Candomblé é Orixá (Òrìṣà). Apesar disso, essa situação já é muito boa porque entre outras tradições da diáspora (Cuba) eles não tem nem ideia do que é Orí e como se cultua. Com Ifá ocorre uma coisa similar, pois muitos comentam, muitos falam, mas poucos conhecem de fato o culto. Ifá é um nome genérico associado ao oráculo, seja ele qual for.

Ifá é um culto dedicado a Órunmilá (Òrúnmilà) uma divindade cujo propósito de existência é ser o mensageiro do nosso destino. Órunmilá (Òrúnmilà) entre os irunmale (Irúnmalè) é considerado a divindade da sabedoria. Dois nomes podem ser aplicados a esse irunmale (Irúnmalè), o de Ifá ou de Órunmilá (Òrúnmilà). Simplificando essa questão de nomenclatura, o nome Ifá é normalmente aplicado ao sistema oracular e também ao irunmale (Irúnmalè) e o nome Órunmilá

(Òrúnmilà) somente é aplicado à divindade.

Nos versos do Odù surge um outro complicador, porque nas histórias se diz muito comumente que o próprio Órunmilá (Òrúnmilà) consulta Ifá ou então que Órunmilá (Òrúnmilà) consulta os Babaláwo, mas, ignorem isso, é apenas figura de expressão. Ifá, além de ser uma das formas de se referenciar a Órunmilá (Òrúnmilà), é também o contexto do saber da religião. O conhecimento sobre tudo e todos. Assim Órunmilá (Òrúnmilà) consulta Ifá.

Órunmilá (Òrúnmilà) é uma das mais importantes divindades da religião Yorùbá. Sua atuação esta centrada no oráculo e nos *ẹbọ* corretivos. Seu papel junto às demais divindades e seres humanos, gira em torno da transmissão de sabedoria e da humildade. O fato de não ser um Orixá (òrìṣà) e também não ser um guerreiro, talvez também explique a pouca popularidade e desinteresse do Candomblé nele, já que os Orixá (Òrìṣà) tradicionais sempre tem, filhos de Orí (que recebem feitura), carregam uma arma branca na mão e são representados como musculosos e lindas beldades. Essas descrições jamais seriam adequadas para Órunmilá (Òrúnmilà), uma divindade representada por uma pessoa frágil, fraca de força física, extremamente paciente e que deixa o tempo resolver os assunto e, como dizem, “sem ossos” ...

Através de sua grande sabedoria, conhecimento e compreensão Órunmilá (Òrúnmilà) orienta a atuação dos irunmale (Irúnmalẹ) da religião Yorùbá. Ele funciona como um intermediário entre os demais irunmale (Irúnmalẹ) e as pessoas e entre as pessoas e seus ancestrais. Assim ele é a boca dos Orixá (òrìṣà) que falam através dele e do seu oráculo, o oráculo de Ifá. Mas a fala de Órunmilá (Òrúnmilà) não é uma coisa simples e direta como estamos acostumados nos oráculos que usamos no dia a dia ou mesmo através dos guias de Umbanda, que são tanto populares no Brasil. Órunmilá (Òrúnmilà) fala através de sinais e de histórias. Suas histórias que são metáforas, parábolas. Verdades nebulosas que devem ser interpretadas.

Órunmilá (Òrúnmilà) fala sempre através de um Odù. Existem 256 Odù e os sacerdotes de Ifá dedicam a sua vida a aprender a entender a forma como as mensagens de Órunmilá (Òrúnmilà) se manifestam através desses Odù. Não é uma coisa simples, o Babaláwo tem que aprender os versos de Ifá, poemas, os *ésé*, que contem através de metáforas os ensinamentos e mensagens para os consulentes, e como eles se combinam para formar a mensagem e principalmente a como interpretar isso. Além disso, devem aprender a como fazer as rezas, os *ébó*, as folhas e até sacrifícios que permitirão ao Odù atuar na vida das pessoas.

Não se pode falar de Órunmilá (Òrúnmilà) e de Ifá sem considerar que tudo isso gira em torno de Odù. Não sei se todos entendem o que é um Odù porque sem entender o que é um Odù não se entende Ifá. Entre nós, no Brasil, Ifá é sinônimo de Oráculo e muita gente usa assim

indistintamente sem as vezes entender a origem dessa palavra. No culto de Ifá um babaláwo se dedica consultar o oráculo para as pessoas e a fazer as ações decorrentes para poder corrigir o problema que Órunmilá (Òrúnmilà) viu na vida da pessoa, não necessariamente o que a pessoa estava buscando ser respondida. Quando a gente entra no caso no qual um Babaláwo ou um Babalorixá (Bàbàlòrìṣà), atende alguém e faz aquilo o que a pessoa quer ou que resolve o que a pessoa foi buscar estamos na área da feitiçaria e não da religião.

Um Babaláwo não é uma pessoa para fazer Orixá (Òrìṣà) nos outros ou cuidar de Orixá (Òrìṣà) dos outros, para isso existem os Bàbàlòrìṣà. Um Babaláwo trabalha através de Órunmilá (Òrúnmilà) com rezas, elementos simples e muito através de Exu (Èṣù) e Osanyin (Òsányìn). Mas basicamente a vida de uma Babaláwo é consultar o oráculo e fazer os ẹbọ e sacrifícios que o oráculo determinar. Existe uma coisa comum entre Ifá e Candomblé que é a teogonia, a base da religião, que é a mesma. Ser um culto especializado em uma divindade não muda o contexto religioso que ele está situado. Em qualquer culto estamos tratando da mesma matriz religiosa e nessa matriz o papel de Órunmilá (Òrúnmilà) tem que ser reconhecido da mesma forma.

Na nossa teologia, antes de nossos espíritos virem para o Àiyé, no órun (Òrun) nós nos ajoelhamos perante Olódúmarè, para junto à ele pedirmos o nosso destino, que alguns preferem chamar de objetivo de vida. Nesse momento nós escolhemos o que queremos viver nessa vida, o que queremos realizar e qual o nosso objetivo ao nascer no Àiyé. Olódúmarè pode concordar com o que pedimos ou não, normalmente concorda, ou pode ainda definir para nós outros objetivos de vida. Essa conversa é um dos momentos mais importantes para nós e dela poderá depender, por exemplo, qual será o nosso Odù de nascimento, porque ele faz parte do nosso Orí e vai ser definido para nos ajudar na vida que vamos ter aqui no Àiyé. O nosso Orixá (Òrìṣà) também poderá ser definido nesse momento e também será escolhido, dentro da nossa raiz familiar, de forma a nos ajudar com nosso objetivo de vida.

O nosso Odù de nascimento não é assim um acaso determinado por nossa data de nascimento. Ele faz parte de todo o plano que temos para nossa vida. Nesse ponto, cabe uma dúvida: o Odù com certeza depende de nosso destino escolhido e atribuído, mas o Orixá (Òrìṣà), não tenho certeza. Eu gosto da visão de que o Orixá (Òrìṣà) não tem restrições no seu poder e qualquer Orixá (Òrìṣà) que tenhamos vai nos ajudar igualmente. No meu íntimo essa idéia de especialização funcional de Orixá (Òrìṣà), como as pessoas gostam e chegam a dizer que profissão uma pessoa de tal Orixá (Òrìṣà) deveria ter, é uma ideia meio cartesiana muito simplificadora e racionalista e baseada na pouca compreensão que ocidentais tiveram da religião Yorùbá, associando com o modelo Greco-Romano.

Uma outra opção, é a que nascemos com algum Orixá (Òrìṣà) de nossa família, de Pai, mãe ou avós, assim dentro de uma mesma linhagem, os filhos nasceriam com Orixá (Òrìṣà) similares, presentes na sua família. Claro que sempre que se casa com uma pessoa de fora da família e novas opções de Orixá (Òrìṣà) são incluídas. Mas o importante é que como eu sempre disse, nós aqui no aiyé somos a coisa mais importante de Olódúmarè. Esse mundo espiritual, os Orixá (Òrìṣà) existem para nos ajudar a viver e não para nos escravizar ou atrapalhar.

Essa nossa conversa com Olódúmarè tem apenas 1 testemunho: Órunmilá (Òrúnmilà). Assim ele é o único que pode saber o nosso destino. Algumas outras divindades podem fazer parte, uma delas é Ajala, o oleiro de Oódùmarè, e outra é Onibode (Agberari), o porteiro do orun (Òrun). Antes de virmos para o aiyé, paramos perante Onibode, falamos o nosso destino e quando pretendemos retornar. Mas para nós aqui Órunmilá (Òrúnmilà) é o eḷérií (elerii) ipin, testemunho do destino de todos nós e o mensageiro divino, aquele que traz as mensagens de Olódúmarè e de todos os Orixá (Òrìṣà). Quando em nossa vida temos uma dificuldade que não conseguimos resolver, e isto está nos impedindo de seguir em frente, naqueles momentos em que não sabemos mais o que fazer, devemos recorrer a Órunmilá (Òrúnmilà) consultando o oráculo de Ifá.

Essa consulta é ao mesmo tempo, um pedido de socorro e uma resposta de Órunmilá (Òrúnmilà), o eḷérií (elerii) ipin, que vai atuar de forma a corrigir nossa vida para que possamos seguir com nosso destino planejado. Essa visão é o sentido religioso para o oráculo dentro de uma religião. Esta visão tem que ser a mesma para o culto de Ifá ou dos Orixá (Òrìṣà). Dessa maneira não existem 2 testemunhos, só existe um testemunho, e ele é Órunmilá (Òrúnmilà), e existe para qualquer pessoa. Assim seja no culto de Ifá ou de Orixá (Òrìṣà) você tem que lidar com a mesma divindade, com Órunmilá (Òrúnmilà).

Baseado nessas explicações, o aspecto de Ifá versus o Candomblé, ou o oráculo de Ifá versus o do Candomblé, assume cores e importância. São os Babaláwo os representantes de Órunmilá (Òrúnmilà) e não os Babalorixá (Bàbàlòrìṣà). Assim, antes, os Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) eram os únicos, que falavam pelo divino em todos os seus aspectos; agora, existe uma outra instância, que tem a propriedade e um método diferente, e que coloca em cheque o Jogo de Búzios como um Oráculo para tratar de questões profundas de nossa vida.

O eerindinlogun (eḗrìndínlógún) é Ifá. A prática do oráculo no Candomblé tomou mais de um caminho ao longo da nossa história e sofreu diversas influências. A primeira coisa que eu lembro a todos é que Ifá e oráculo são sinônimos no Candomblé. A maior parte das pessoas pode até desconhecer que existe um culto separado destinado a Ifá ou a divindade Órunmilá (Òrúnmilà), mas sabe que existe um oráculo chamado de Ifá. Assim, da mesma forma como Ifá e Órunmilá

(Òrúnmilà) são em certo aspecto sinônimos em Ifá, no Candomblé, Ifá e oráculo são palavras sinônimas, sem que isso seja necessariamente vinculado ao uso de Odù.

Por muitos anos temos ouvido as pessoas chamarem o seu oráculo, de Ifá, sem isso guardar qualquer vínculo com o Culto de Ifá ou mesmo com o Oráculo de Ifá. Hoje a gente deve saber que o uso de Odù no oráculo do Candomblé é opcional e é dominado por muito poucos. Chego a ter a ousadia de dizer que ninguém sabe nada, apenas falam palavras soltas. Os Babalorixás (Bàbàlòrìṣà) não se preocuparam em aprender nada. Foram apenas “catando” coisas, copiando outros e chamaram o que fazem, de jogar por Odù. Mas, vamos voltar a esse ponto mais adiante.

A ligação entre o owó eyo (ẹyọ) merindinlogun (mẹrìndínlógún) e Ifá.

Com simplicidade, sem recorrer a textos complicados de Odùs, vamos considerar que tudo é a mesma religião. Dentro do culto dos Orixá (Òrìṣà) ou do culto de Ifá estamos tratando da mesma religião. É o mesmo Olódúmarè, é o mesmo aiyé, é o mesmo orun (Òrun), são os mesmos Orixá (Òrìṣà). A Teogonia é a mesma. E nesse conjunto, como estamos todos falando com as mesmas divindades e acreditando na mesma metafísica, se recorremos a um oráculo para tratar da vida e do destino das pessoas e recebemos respostas sobre isso que nos permitem ajudar e orientar essa pessoa, então, tem que ser Órunmilá (Òrúnmilà) que esta se manifestando em nossa vida.

Assim, eu não vejo porque Órunmilá (Òrúnmilà) não poderia falar através do eerindinlogun (ẹẹrìndínlógún). Em Ifá existem diversos instrumentos. Os Babaláwo podem usar os Ikin, o opele (ọ̀pẹ̀lẹ̀), o Obi e ainda cascas de coco (como os cubanos fazem). Por que não poderiam usar os búzios? Ou, porque um olhador que tenha sido iniciado e seus instrumentos consagrados não pode fazê-lo? Eu lembro que o oráculo do candomblé, o eerindinlogun (ẹẹrìndínlógún) sempre serviu e continuará servindo, com louvor, a tudo o que é necessário fazer em uma casa de Orixá (òrìṣà). Esse oráculo representa sim uma forma autêntica e verdadeira de diálogo entre nós e o divino, entre nós e certamente os Orixá (òrìṣà). Se não fosse assim tudo seria errado ou sairia errado, e não é isso o que ocorre.

A ligação entre Órunmilá (Òrúnmilà) e o eerindinlogun (ẹẹrìndínlógún) existe nos versos do Odù Ogbè-Òsá, conforme transcritos por Wande Abimbola:

Houve um tempo que Olódùmàrè convocou todo os 401 Orixá (ÒrìṢà) para o Órun (Ọ̀run), para para surpresa dos Orixá (ÒrìṢà) eles encontraram as Ajé (Àjẹ) no Órun (Ọ̀run) e estas passaram a comer um por um.

Mas como Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) havia feito um sacrifício antes de deixar a terra ele foi miraculosamente salvo por Óxun (Ọ̀Ṣun) que substituiu Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) por carne fresca de cabrito (que Órunmilá havia usado no sacrifício recomendado por Ifá).

Quando eles retornaram a terra eles se tornaram mais próximos do que nunca. Este foi provavelmente o tempo no qual Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) teve Óxun (Ọ̀Ṣun) como esposa. Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) então decidiu recompensar Óxun (Ọ̀Ṣun) e então ele colocou junto os 16 búzios e ensinou a Óxun (Ọ̀Ṣun) como usá-los. Este *ìtàn* mostra como Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e Óxun (Ọ̀Ṣun) se tornaram unidos. Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) disse que estava agradecido com o que ela fez por ele.

Foi uma coisa expecional. Ele se esmerou no que dar a ele em agradecimento. Esta foi a razão mais importante pela qual Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) criou os *owó ẹyọ mẹ̀rìndínlógún*. Ele então colocou-os nas mãos de Óxun (Ọ̀Ṣun).

De todos os Orixá (ÒrìṢà) que usam os *owó ẹyọ mẹ̀rìndínlógún*. Não existe nenhum que tenha feito isso antes de Óxun (Ọ̀Ṣun). Esta foi a forma pela qual Ifá foi dado a Óxun (Ọ̀Ṣun). E foi pedido para ela usá-los Como um outro meio de consultar o oráculo. Isto foi como Ifá foi usado para recompensar Óxun (Ọ̀Ṣun). Desta forma Óxun (Ọ̀Ṣun) também podia chamar Ifá. Ninguém mais pode saber porque Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) tomou Óxun (Ọ̀Ṣun) como esposa.

Das diversas formas de oráculo *owó ẹyọ mẹ̀rìndínlógún* é a mais próxima de Ifá. Assim de acordo com esse Odù foi Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) que criou o *owó ẹyọ mẹ̀rìndínlógún* e se Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) é Ifá, e o conhecimento de Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) é baseado em Odù e Ifá ele não poderia ter criado algo que não fosse parte do seu próprio conhecimento.

Isso muda a versão de um mito popular, corrente do Candomblé, de que Óxun (Ọ̀ṣun) teria obtido o *owó ẹ̀yọ́ m̀ẹ̀rìndínlógún* de Exu (Èṣù) o que de fato teria como consequência uma não ligação direta com Órunmilá (Ọ̀rúnmilà), como muita coisa no Candomblé sobre Odù e Ifá, mais uma bobagem. Mas esse Odù Ogbè-Ọ̀sá, extraído por uma pessoa de credibilidade no culto de Ifá e na religião Yorùbá, deixa claro que Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) é de fato e direito o criador do *owó ẹ̀yọ́ m̀ẹ̀rìndínlógún*. Este Odù também vai mostrar a seguir que o *owó ẹ̀yọ́ m̀ẹ̀rìndínlógún* recebeu o seu Àṣẹ do próprio Olódùmarè:

Ogbè-Ọ̀sá

...A cada 16 anos

Olódùmarè usava chamar os adivinhos da terra para um teste.

Para saber se eles estavam dizendo mentiras para os habitantes da terra.

Ou se eles estava dizendo a verdade

Este teste consistia em chamar Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e outros olhadores da terra

Olódùmarè diria o que ele ira ver neles.

Quando eles chegaram

Olódùmarè pediu para eles consultarem o oráculo para ele.

Quando Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) terminou a consulta

Olódùmarè perguntou: Quem é o próximo?

Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) disse que a próxima pessoa vinha a ser sua companheira

O qual era uma mulher

Olódùmarè então perguntou:

Ela também é uma advinha, uma olhadora?

O qual Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) respondeu, "Sim, isto é verdade"

Olódùmarè então pediu a ela para consultar o oráculo para ele

Quando Óxun (Ọ̀ṣun) examinou Olódùmarè,

ela viu tudo em sua mente

Mas ela não disse para ele tudo o que viu

Ela mencionou a essência

Mas ela não disse as raízes do problema assim como faz Ifá
 Olódúmarè então perguntou a Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) o que era aquilo?
 Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) então explicou a Olódúmarè
 como ele honrou Óxun (Ọ̀ṣun) com o owó ẹ̀yọ̀ mẹ̀rìndínlógún
 Olódùmarè disse, "Esta tudo certo"
 Ele disse que mesmo sabendo que ela não lhe contara tudo o que
 sabia
 Ele daria a sua autoridade para ela
 Ele adicionou "De hoje para sempre,
 até mesmo quando o owó ẹ̀yọ̀ mẹ̀rìndínlógún
 não disse tudo detalhadamente
 Qualquer um que desacreditar dele
 sofrerá as consequências imediatamente
 Isso não precisará esperar até o dia seguinte
 Este é o motivo pelo qual as previsões do owó ẹ̀yọ̀ mẹ̀rìndínlógún
 ocorrem rapidamente
 Esta foi a forma como o owó ẹ̀yọ̀ mẹ̀rìndínlógún recebeu o seu Àṣẹ
 diretamente de Olódùmarè.

A transcrição desse Odù esta no artigo "The Bag of wisdom - Osun and the origin of Ifá divination", de Wande Abimbola. Talvez a principal preocupação do oráculo seja o controle sobre os Ajogun que são os espíritos do mal que vivem na terra. As pessoas vão a um oráculo normalmente motivadas por problemas causados por estes. Entre os ajogun os principais são: Ikú (morte), àrùn (doença), òfò (perda), ẹ̀gbà (paralisia), ọ̀ràn (crimes), èpè (maldição), ẹ̀wọ̀n (prisão), ẹ̀ṣẹ (crime), Iná (fogo). Eles agem como se fossem causas naturais.

Como visto no seguinte trecho do Odù Ọ̀ṣẹ̀tùwá (obtido do bàbáláwo Qyègbadé Qlátòná, o ojùgbònà de ọ̀ṣogbo, terra de ọ̀ṣun), Óxun (Ọ̀ṣun) tem o controle de 4 ajogun: boríborí (derrota), ẹ̀gbà (paralisia), ẹ̀ṣẹ (crime), atómú (aprisionador). Isso a tornou capaz de bloquear o àṣẹ de todos os demais òrìṣà da criação do mundo:

Ọ̀ṣẹ̀- Otùrá

Komú-nkọ́rọ̀`

Era o bàbáláwo na cidade de ado

ọ̀rùn-mu-dẹ̀dẹ̀dẹ̀dẹ̀-kanlẹ̀`

era o bàbáláwo no reino de ijeṢà

o-caranguejo-está-no-rio

e-rastejam-no-chão-muito-frio

Eles consultaram ifá para as 16 principais divindades

no dia que eles foram do Ọ̀run para o ayé

Eles chegaram no mundo

eles prepararam a floresta de orò

eles prepararam a floresta de ọ̀pa

Eles planejaram,

mas ele nunca perguntaram a óxun(Ọ̀Ṣun)

Eles tentaram sustentar o mundo

mas não havia organização no mundo

eles então voltaram ao órun(Ọ̀run)

e foram procurar Olódúmarè

Olódúmarè os cumprimentou

então perguntou onde estava a décima sétima divindade?

Olódúmarè perguntou-os:

“por que vocês não tem o hábito de consultá-la?”

Eles então responderam, “é porque ela é a única mulher entre nós”

Olódúmarè disse então, “Não, isso não pode ser assim!

Óxun(Ọ̀Ṣun) é a principal mulher”

Olódúmarè disse

“boríborí, é o bàbáláwo de irágberí,

é um bàbáláwo aprendiz de Óxun(Ọ̀Ṣun)

“ẹ̀gbà, é o bàbáláwo de ilukàn,

é um bàbáláwo aprendiz de Ọ̀Ṣun

“èṣe, é o bàbáláwo de ijeḅù ẹ̀rè,

é um bàbáláwo aprendiz de Óxun(Ọ̀Ṣun)

"atómú, é o bàbáláwo de ìkìre,
 é um bàbáláwo aprendiz de Óxun(Ọ̀ṣun)
 Essas divindades podem permitir a uma
 pessoa a fazer comércio,
 elas podem permitir que uma pessoa prospere
 mas elas não permitem que a pessoa leve
 a sua prosperidade para casa
 Olódúmarè disse
 "O que vocês não sabiam agora vocês sabem.
 Voltem para o mundo e consultem Óxun(Ọ̀ṣun) sobre qualquer coisa
 que vocês forem fazer
 De maneira que qualquer coisa em que vocês colocarem suas mãos
 continue a prosperar
 Quando eles voltaram para o mundo
 eles passaram a chamar Óxun(Ọ̀ṣun)
 e a louvavam assim:
 Aquela que tem um grande armazém de latão
 aquele que acalma as crianças com latão
 Minha mãe, é a que aceita corais para oferendas.
 ọta ò! Omí o! Ẹdan ò!
 Awura! Olú! Agbaja!
 A sempre presente conselheira as reuniões de decisões
 Ládékojú! A graciosa mãe Óxun(Ọ̀ṣun)!

Este texto mostra bem a força e importância de Óxun (Ọ̀ṣun) como a divindade que representa a mãe fundamental, a energia feminina maior e da qual todas as demais descendem, sejam Orixá (òrìṣà) como também as ajé (àjẹ̀). Também deixa claro a ligação de Óxun (Ọ̀ṣun) com o oráculo. Desta maneira se tem Óxun (Ọ̀ṣun) ligação com os principais elementos que trazem problemas para a humanidade, que são as ajé (àjẹ̀) e os Ajogun, então qualquer oráculo que pertença a ela terá sem dúvida nenhuma a maior eficácia possível na solução dos problemas a ela apresentados.

Um outro verso contido no Odù Okanransode, que foi transmitido pelo

Babaláwo Ifátòògùn, famoso sacerdote de Ìlobùú, conta a história do saco da sabedoria. Olódùmàrè jogou na terra o saco da sabedoria e pediu a todos os Orixá (Òrìṣà) que procurassem por ele. Ele garantiu que o Orixá (Òrìṣà) que o encontrasse seria o mais sábio de todos eles. Olódùmàrè mostrou como era o saco para todos os Orixá (Òrìṣà) para que eles reconhecessem quando o vissem. Uma vez que Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e Óxun (Ọ̀ṣun) eram íntimos eles decidiram procurar juntos.

Okanransode (Okanran-Ogbe)

Uma pessoa velha amarrou um fio de contas mas ele se abriu
 Um sábio amarrou um fio de conta e el ficou frouxo
 Somete uma pessoa que apoia suas costas em ikins
 irá amarrar um fio de contas que irá durar
 Ifa foi consuktado para Órunmilá (Ọ̀rúnmilà)
 quando ele e Óxun (Ọ̀ṣun) foram procurar pela sabedoria
 Foi Olódùmàrè que chamou as 401 divindades (da direita)
 e as 201 divindades (da esquerda)
 para se reunierem no Orun (Ọ̀run)
 Quando elas chegaram lá
 Ele disse que queria dar para elas profunda sabedoria e poder
 Ele disse que que qualquer um poderia ver isto
 que ele iria dar para o Ori deles
 E esta seria a pessoa mais sávida na terra
 Ele disse que 19 dias a frente
 Ele jogaria o saco da sabedoria na terra
 Mas se isso seria na floresta
 ou seria no campo
 Ou seria no rio
 ou seria em uma cidade
 ou seria em uma estrada
 Ele não diria onde extamente seria
 Olódùmàrè mostrou então a todos o saco da sabedoria
 Ele disse "É isso"
 Olhem bem

E observem bem.

Quando eles chegaram de volta a terra

alguns deles iniciaram a fazer sacrificios

Alguns fizeram remédios

Alguns planejaram a sua propria estratégia

Todos disseram "Essa coisa, serei eu quem vai achar"

Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e Óxun (Ọ̀ṣun) costumavam fazer coisas juntos

Eles estavam sempre um na companhia do outro

Ambos adicionaram 2 búzios a 3

e foram consultar Ifá

Eles perguntaram aos babalawo (babaláwo) para verificarem sobre ambos

"A coisa que os Orixá (Ọ̀rìṣà) estão procurando poderiam ser ambos eles as pessoas que a encontrariam?"

Os babalawo (babaláwo) pediram a Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e Óxun (Ọ̀ṣun) que fizessem um sacrifício

Com os grandes alakas que eles estavam usando

Cada um deles deveria oferecer um cabrito

e um rato doméstico

Bem como 201 ọ̀kẹ́ cheios de búzios para cada um deles

Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) disse a Óxun (Ọ̀ṣun) que eles deveriam fazer o sacrifício

Mas Óxun (Ọ̀ṣun) disse m "por favor, deixe me descansar"

Vá fazer o sacrificio com o seu alaka

Qual a relação disso com o que estamos procurando?

Óxun (Ọ̀ṣun) se recusou a fazer o sacrifício

Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) cujo outro nome era Àjànà,

pegou o seu alaka e ofereceu em sacrificio

Ele também usou um rato doméstico e dinheiro para o sacrifício

Eles então procuraram pelo saco da sabedoria mas não acharam

Todos os outros Orixá (Ọ̀rìṣà) tmbém não encontraram

Eles procuraram em Ẹ̀gá ajá

Ele foram longe até Ẹ̀sà adìẹ

alguns foram ainda até Ìkọ ÀwúṢẹ`
alguns procurara também em Ìdòròmù ÀwúṢẹ`
Onde o dia vira noite
Mas ele não encontraram
Um dia um rato doméstico foi até o alaka que Óxun (ỌṢun) usava
E fez um buraco no bolso
No dia seguinte eles se consideraram prontos
e procuraram o saco da sabedoria mais uma vez
Então Óxun (ỌṢun) o encontrou!
Ela exclamou "Han-in este é o saco da sabedoria!"
Ela colocou então no bolso do seu alaka
Ela então foi embora apressada
Como ela estava atravessando florestas mortas e subindo por
troncos
repentinamente o saco caiu do seu bolso
pelo buraco que o rato tinha feito
Óxun (ỌṢun) estava chamando Órunmilá (Ọ̀rúnmilà)
Dizendo "Órunmilá (Ọ̀rúnmilà), cujo outro nome é Àjànà
Venha rápido, venha rápido
Eu vi o saco da sabedoria
Quando Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) estava indo ele viu o saco da sabedoria
no chão
Ele então colocou no bolso do seu próprio Alaka
Quando ele chegou em casa
Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) disse: Óxun (ỌṢun) deixe-me ver o saco
mas Óxun (ỌṢun) disse que ela jamais mostraria para um homem
Mas se um homem precisasse ver
Ele teria que dar lhe 200 ratos
200 peixes
200 passaros
200 animais
e um monte de dinheiro
Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) implorou por muito tempo para ver o saco

mas ela não permitiu

Ele então retornou para a sua própria casa

Quando Óxun (ỌṢun) tentou pegar o saco no seu bolso

de maneira que ela o visse mais uma vez

Ela colocou a sua mão no bolso

e sua mão entrou dentro do buraco feito no fundo do bolso

Então Óxun (ỌṢun) foi encontrar Órunmilá (Ọ̀runmílà) na sua casa

Ela começou a implorar a ele

Ela começou a agradecer Órunmilá (Ọ̀runmílà)

Assim foi então como Óxun (ỌṢun) foi para a casa de Órunmilá (Ọ̀runmílà)

para viver com ele como marido

De maneira que ele pudesse ensinar para ela um pouco de sabedoria

Nos tempos antigos, quando uma pessoa se casava

Não era obrigatório para a esposa ir para a casa do marido viver com ele

Assim foi como os casais passaram a viver juntos

Quando Óxun (ỌṢun) tirou o seu alaka

ela colocou àṣẹ na sua boca e disse

daquele dia em diante nenhuma mulher ia vestir um alaka como os homens

Ela então jogou o seu alak no lixo

Depois de muitos pedidos de Óxun (ỌṢun)

Órunmilá (Ọ̀runmílà) pegou um pouco de sabedoria e deu para ela

Este é o eerindinlogun (ẹẹ̀rìndínlógún)

O qual Óxun (ỌṢun) faz uso

O saco de sabedoria é Odù Ifá,

os remédios e todas as demais profundas sabedorias do povo Yoruba

Vou destacar de forma bem objetiva o que o Odù Okanransode ensina:

a) Óxun (Ọ̀ṣun) foi a primeira a ter acesso a sabedoria de Ifá. Ela encontrou o saco de sabedoria e olhou para ele, assim ela obteve antes de Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) a sabedoria de Ifá. Devido a sua teimosia, falta de fé ou preguiça ela perdeu o saco para Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) que assim teve a posse dele por todo o tempo e a sabedoria e poder que Olódúmarè prometeu. Mas não se pode ignorar o acesso que Óxun (Ọ̀ṣun) teve a Ifá.

b) Óxun (Ọ̀ṣun) foi viver com Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e este lhe deu mais sabedoria de Ifá.

c) Esse Odù nos dá também uma excelente explicação de porque somente homens tem acesso pleno a sabedoria de Ifá. Óxun (Ọ̀ṣun) se tivesse acesso teria omitido isso dos homens, Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) observando isso limitou o acesso de Óxun (Ọ̀ṣun) ao conhecimento de Ifá. Essa interpretação deve ser estendida aos homens em geral e as mulheres também, e não especificamente a Óxun (Ọ̀ṣun) e Órunmilá (Ọ̀rúnmilà). Óxun (Ọ̀ṣun) é a essência feminina e um Odù é uma metáfora. Assim isso explica o papel de babalawo (babaláwo) e de Apetebi.

d) Outra lição é o mal destino que teve a ambição ou ganância no uso da sabedoria de Ifá. O desejo de Óxun (Ọ̀ṣun) era se enriquecer com essa sabedoria. Isso foi penalizado, assim a sabedoria de Ifá jamais deve ser usada para enriquecer ninguém.

e) Outro aspecto foi o preço a ser pago para se tornar sábio. Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) pagou o preço e se tornou sábio, Óxun (Ọ̀ṣun) não quis pagar e não obteve sucesso na sua busca. A sabedoria exige sacrifícios de bens. Apesar disso tudo é inegável os seguintes vínculos:

- Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e Ifá, com o eerindinlogun (ẹ̀ẹ̀rìndínlógún)
- De Órunmilá (Ọ̀rúnmilà), com Óxun (Ọ̀ṣun)
- De Óxun (Ọ̀ṣun) com o eerindinlogun (ẹ̀ẹ̀rìndínlógún)

É muito natural entendermos a partir desta história a separação feita em Ifá para o gênero masculino em função deste conflito de Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) com Óxun (Ọ̀ṣun) o gênero feminino fundamental. Outro aspecto que também denota isto é a questão de Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) e seus filhos, nos versos de Iwori Meji que falam sobre a partida de Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) para o Orun. O verso destaca que Órunmilá (Ọ̀rúnmilà) tinha 8 filhos homens. Mas este não é assunto para este tema.

De acordo com os mitos Yorùbá, o oráculo com os 16 búzios foi introduzido pela

divindade Óxun (Ọ̀ṣun). Ela aprendeu isto de Órunmila (Ọ̀rúnmìlà) enquanto ela vivia com ele, embora alguns sacerdotes de Óxun (Ọ̀ṣun), neguem isso. Em uma versão, enquanto ela ainda estava aprendendo Ifá, Óxun (Ọ̀ṣun), começou a divinar para alguns dos clientes de Órunmila (Ọ̀rúnmìlà), quando ele não estava em casa e quando ele descobriu isso ele a colocou para fora de casa. Este é o motivo pelo qual Óxun (Ọ̀ṣun) não aprendeu Ifá totalmente.

Este incidente não ocorre na versão à seguir, como descrita por Salako. Sua versão também difere da que é largamente conhecida que é a qual foi Olódúmarè quem deu às divindades os seus poderes. Aqui neste verso esta função é atribuída por Salako a sua própria divindade identificada como Oriṣala Ọ̀ṣereṣbo ou como Apodiḥoro, um outro de seus nomes.

Por fim, os versos mostrados no livro *Sixteen Cowries*, de Bascon. Estes versos tem sua importância porque é a única visão que eu pude obter da origem do oráculo e sua ligação de Ifá vindo do culto de Orixá (Ọ̀rìṣà). Todas as demais fontes eram fontes do culto de Ifá. Cabe comentar que esta substituição de personagens é comum e deve ser ignorada. Devido aos regionalismos, existe a substituição de personagens que são importantes no local ao invés de se usar o personagem original. Isso já causou algumas confusões mas devemos relevar. É claro que o personagem real é Olódúmarè e esta substituição feita por Salako visou apenas privilegiar suas divindades principais.

O mesmo processo também ocorreu na diáspora, com um Orixá (Ọ̀rìṣà) assumindo o papel de outra divindade, como por exemplo Nana que não é presente na mitologia Yorùbá e que se transformou em personagem de mitos que não tem nenhuma relação. A relevância de transcrever este mito é porque vem de uma outra fonte e traz consigo elementos que confirmam a relação do eerindinlogun (ẹ̀rindínlógún) com Ifá e ainda acrescenta novos elementos desafiadores.

Quando pai Apodiḥoro, Oriṣala Ọ̀ṣereṣbo,
 Pai deu à luz a 401 crianças,
 Apodiḥoro, o padre criou 401 profissões.
 Apodiḥoro, Oriṣala Ọ̀ṣereṣbo,
 Pai criou 401 talentos.
 Ele disse que cada criança deve escolher a sua própria.
 E havia Órunmila (ọ̀rúnmìlà);
 Ele não é forte.
 Assim como um cupinzeiro,
 Para segurar uma enxada lhe dá problemas;
 Para realizá-lo é difícil,

E até mesmo a pé.

Não há nenhum trabalho que é fácil para Órunmila (Ọ̀rúnmilà).

Pai disse: "O que você vai fazer?"

Ele disse que seria um adivinho.

"Que espécie de adivinho?"

Ele disse: "Por tudo que as pessoas esperam de você."

Foram nozes de cola que eles trouxeram para o Pai naqueles dias (para adivinhação).

Se alguém falou com a noz de cola

e jogou na chão,

O Pai foi aquele quem deu os conselhos.

"Eu quero saber a resposta à minha pergunta",

E Oriṣala lhe diria.

Então, ele chamou Órunmila (Ọ̀rúnmilà)

E Órunmila (Ọ̀rúnmilà) obteve o saco do oráculo.

O Pai pegou o saco de Ifá,

Ele disse que Órunmila (Ọ̀rúnmilà) deve aprendê-lo

Assim se alguém quiser alguma coisa

Eles devem ir para Órunmila (Ọ̀rúnmilà).

Todo mundo que quiser pedir

Deve ir para Órunmila (Ọ̀rúnmilà),

E quando Órunmila (Ọ̀rúnmilà) olhar para o seu Ifá,

Tudo o que eles quiserem saber, Órunmila (Ọ̀rúnmilà) dirá a eles;

Qualquer coisa que eles quiserem saber,

Órunmila (Ọ̀rúnmilà) lhes dirá.

Ninguém mais foi para o pai (para adivinhação);

Eles foram para Órunmila (Ọ̀rúnmilà).

Uma mulher com gravidez de um dia

Órunmila (Ọ̀rúnmilà) saberia,

E assim por diante.

Assim, tornou-se Órunmila (Ọ̀rúnmilà) um adivinho.

Ele disse: "Pai,

" e sobre as folhas? "

Pai disse:

"Uma pessoa que vier a você com uma queixa,
"É uma folha (erva) que você deve lhe dar
Assim, Órunmila (Ọ̀rúnmilà) tornou-se um adivinho.

Todos os outros queriam ser adivinhos também.

Egungun queria ser um;

Pai disse: "Você, que é forte?"

Ọ̀gún queria ser um;

Pai disse: "Você, que é forte?"

"Você deve ser um comerciante."

Hoje todos os seguidores de certas divindades podem consultar o oráculo

os cultuadores de Xangô (Șàngó) , e os cultuadores de Óya (Ọya) e os cultuadores de OriȘala.

Isto é certo para Óxun (Ọ̀șun),

Foi Óxun (Ọ̀șun) que não deixou Órunmila (Ọ̀rúnmilà) descansar

Ela não o deixou ir;

Ela insistiu, até que Órunmila (Ọ̀rúnmilà) lhe ensinou a adivinhação

Foi a partir Óxun (Ọ̀șun) que todos os outros aprenderão o oráculo.

Mas Erinlẹ não aprendeu;

Orixá Oko não aprender;

Ọ̀gún não aprendeu;

Egungun não aprendeu.

Eles não receberam os dezesseis búzios.

Șoșona tem os dezesseis búzios

Estão sempre em sua mão,

Mas a luta não os deixa usar para o oráculo.

Por ser fraco

Órunmila (Ọ̀rúnmilà) tornou-se um adivinho.

Ele estava cantando ", Apodihoro, OriȘala Ọ̀șereșbo,

"Pai, tinha 401 crianças;

"Apodihọrọ, OriṢala ỌṢẹrẹgbo,

"Pai criou 401 profissões.

"Apodihọrọ, OriṢala ỌṢẹrẹgbo,

"Pai criou 401 talentos,

"Apodihọrọ.

"Ele deu aqueles que aprendessem um meio de subsistência",

Apodihọrọ,

"Com o que eu aprendi, agora estou comendo", Apodihọrọ.

"Com o que eu aprendi, eu estou comendo nozes de kola e pimenta",
Apodihọrọ.

"Com o que eu aprendi, eu estou comendo sal e óleo de palma",
Apodihọrọ.

"Com o que eu aprendi, eu ganho dinheiro com os outros",
Apodihọrọ. "

Isto é como Órunmila (Ọ̀rúnmilà) tornou-se um adivinho.

Estes versos, assim como os demais trazem muitas informações e referências relevantes. Neste daqui, trazido do culto de Orixá (Ọ̀rìṣà), vemos a clara referência de que mesmo em relação a Orixá (Ọ̀rìṣà), existem aqueles que tem e os que não tem o oráculo dos 16 búzios. Isto é claro e traz uma luz significativa sobre a prática no Candomblé, onde qualquer Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) tem que ter a prática desse oráculo por força do formato adotado no Candomblé. Mas como sabemos que na prática nem todo mundo tem isso, ficamos com a clara explicação de que as pessoas substituem o oráculo pela vidência. Essa prática pode ter sido um dos motivos que levou a degradação do Jogo de Búzios que se afastou de Ifá levando as pessoas hoje a questionarem se seriam os Búzios ou não uma forma de Ifá.

A história seguinte, relatada por Ayo Salami em seu livro "*Yorùbá Theology and Tradition*" mostra uma variação das anteriores, mas, com o conteúdo idêntico, traçando o mesmo vínculo em tre Óxun (Ọ̀ṣun), Órunmila (Ọ̀rúnmilà), o eerindinlogun (ẹ̀ẹ̀rindínlógún) e Olódùmarè.

Talvez uma esposa de Órunmila (Ọ̀rúnmilà) que também merece destaque é Óxun (Ọ̀ṣun). Por um longo tempo ela foi casada com Órunmila (Ọ̀rúnmilà) e através dela, muitas práticas que foram abençoados por Olódùmarè tornaram-se institucionalizadas.

Por exemplo, foi Óxun (Ọ̀ṣun) que trouxe um programa de iniciação chamado Ifá Ẹlẹ́gán ". Este é o resultado do fato de que Órunmila (Ọ̀rúnmìlà), seu marido, é uma pessoa que viajava com frequência e era Óxun (Ọ̀ṣun), sua esposa que estaria em casa, tratar as pessoas e atender às necessidades, tanto médica como espiritual.

Isso tinha duas implicações, Óxun (Ọ̀ṣun) tinha que fazer algo para salvar a vida das pessoas e ao mesmo tempo, manter a consistência pela qual a casa de Órunmila (Ọ̀rúnmìlà) era conhecida.

Entre as pessoas que vieram ao seu encontro muitas foram as interessadas em ser iniciadas para Ifá.

Mas desde que Óxun (Ọ̀ṣun) é uma mulher, ela é proibida de ver o Olofin Odu, a entidade sagrada de Ifá que não pode ser visto, exceto (a) a pessoa é um homem, (b) ele é iniciado e (c) dado o antídoto para reduzir o efeito da energia que 'ile Odu "pode lançar sobre ele.

Óxun (Ọ̀ṣun) também seria lembrada pelos passos que ela tomou durante uma longa ausência do marido, para salvar as vidas de alguns vizinhos. Tornou-se necessário para ela falar com o Ifá de seu marido sobre os problemas que as pessoas tinham. Obviamente, confuso no início, o verso de Ifá diz que Óxun (Ọ̀ṣun) levou quatro peças de Búzios para o Ifá de seu marido, orou sobre ele e pediu as bênçãos do espírito de seu marido para entrar nos búzios já que ela não sabia como consultar o oráculo usando o Ikin, naquele tempo.

Ela, então, usou o Ibô para perguntar o que a pessoa doente, estéril, ou em dificuldades devia trazer a resolver seus problemas. Uma após a outra, ela iria testar todas as coisas que ela já tinha visto o marido recolher para esse caso em particular.

Uma vez que o Ibô e o búzio dizia "sim", ela pedia a pessoa para trazer os itens específicos. Ela então colocou-os, todos, em cima de Ifá de seu marido e disse que a pessoa fosse

embora. E como resultado elas estavam sendo curadas.

Então Osun continuou por muito tempo como este processo, até ao regresso do marido. Quando Órunmila (Ọ̀rúnmilà) voltou ele viu as nozes de cola no seu quintal, viu cabras de diferentes tamanhos e sexos amarrados a postes, as galinhas eram incontáveis.

- "Quem possui tudo isso? " Órunmila (Ọ̀rúnmilà) perguntou, surpreso.

- "Eles são todos os presentes de Ifá que eu tenho coletados usando estes búzios". Óxun (Ọ̀ṣun) respondeu ao marido mostrando o búzios que ela estava usando. Ela também contou os sucessos que ela havia obtido.

Na próxima vez que Órunmila (Ọ̀rúnmilà) visitou Olódúmarè, para dar relato do que estava acontecendo na Terra, ele narrou o que Óxun (Ọ̀ṣun) estava conseguindo usando búzios e os presentes que vieram desta prática. Olódúmarè disse Órunmila (Ọ̀rúnmilà) para dar a Óxun (Ọ̀ṣun) 16 Odùs semelhante à adivinhação de Ifá.

- "Ela pode usar estes para o tratamento de clientes que vieram com ela enquanto você estiver fora da cidade".

Assim, a adivinhação com 16 búzios realmente começou com Óxun (Ọ̀ṣun).

Esta história vinda de uma outra fonte traz os mesmo elementos das anteriores. É um pouco diferente e talvez menos elaborada em alguns aspectos, mas, coloca Óxun (Ọ̀ṣun) recebendo os Odù Méjì de Órunmila (Ọ̀rúnmilà) e o seu axé (aṣé) para isso diretamente de Olódùmarè. Esta diferença de narrativa mas contendo os mesmos elementos básicos valoriza mais ainda o seu conteúdo e a tese deste texto.

Vejam também neste texto a presença da orientação de somente a mulher consultar Ifá na ausência no local de um Bábáláwo que possa fazê-lo. Antes de encerrar eu quero transcrever aqui um mito do Candomblé, trazido por José Beniste em seu livro Mitos Yoruba, "A disputa de Órunmila (Ọ̀rúnmilà) com os búzios", que mostra um conflito entre Órunmila (Ọ̀rúnmilà) e o eerindinlogun (ẹ̀rindínlógún). Por algum motivo, os búzios deixaram de ser um instrumento de Ifá, ficando restrito ao culto de Orixá (Ọ̀riṣà). Em cuba foi incluída uma proibição de que um Bábáláwo

nem pode pegar em búzios. A história seguinte pode fazer parte das que foram criadas para justificar isso.

No panteão religioso Yoruba, Órunmila (Ọ̀rúnmilà) é considerado um grande sábio pelos seus cálculos sempre exatos em tudo que diz e prevê. A prática do jogo utiliza diversos instrumentos, como os coquinhos do dendezeiro, o rosário de favas e os búzios. São modalidades diferentes para um único objetivo. Pela sua utilização constante, eles já fazem parte de sua essência divinatória, mas seus poderes de previsão estão condicionados a participação de Órunmila (Ọ̀rúnmilà), o que quer dizer que os búzios, por exemplo, só revelam suas mensagens se forem manipulados por uma pessoa habilitada:

Ocorre que, certa vez, os homens se julgaram tão poderosos quanto Órunmila (Ọ̀rúnmilà) na prática do jogo. A história em seguida narra como isto aconteceu e como Órunmila (Ọ̀rúnmilà) teve que se valer de toda a sua sabedoria para mostrar o seu poder. Nessa disputa, os búzios foram representados pelo escravo comprado por Órunmila (Ọ̀rúnmilà) no mercado da cidade. Esta é a história:

Certo dia, quando Órunmila se dirigia para atender sua clientela, sua mulher lhe pediu que comprasse um escravo que custa-se até 16 búzios, visto que, naquela época, os búzios representavam a moeda utilizada. No trajeto até o mercado, Órunmila (Ọ̀rúnmilà) passou pela beira de um rio onde várias pessoas estavam pescando. Então, disse que poderia informar, exatamente, a quantidade de peixes que todos haviam pescado. Os Pescadores não acreditaram na possibilidade de ele acertar com tamanha exatidão.

Fez-se uma aposta: se acertasse, todos os peixes seriam dele. Feito o trato, Órunmila afirmou: "Ai tem, exatamente 201 peixes." Os Pescadores foram verificar e, realmente, haviam 201 peixes. Então, disseram: "Pode levar. Todos os peixes são seus". Órunmila (Ọ̀rúnmilà) disse-lhes que enterrassem os peixes e marcassem o lugar com folhagens, pois na volta do mercado ele os levaria para casa.

Continuando o seu caminho, mais adiante Órunmila (Ọ̀rúnmilà)

encontrou varias pessoas fazendo um alçapão, cortando madeira e capim para pegar preás. Então, Órunmila (òrúnmilà) disse: "Eu posso dizer quantas preás vocês já tem mortas." E, como duvida fizeram uma aposta nas mesmas condições anteriores. acertado, Órunmila disse: "Ai tem 201 preás." Foram contar e lá estavam as 201 preás Os caçadores disseram, então, que ficasse com as preás. Órunmila (òrúnmilà), porem, pediu que as enterrassem e marcassem o local, cobrindo-o com folhas.

Chegando no mercado, viu um menino que se antecipou a ele e foi logo lhe dizendo que tinha ido ao mercado para comprá-lo por 16 búzios, que era quanto possuía na bolsa. Órunmila ficou tão surpreso com o que ouviu, que comprou o menino e pediu um barraqueiro para tomar conta do garoto, ate ele voltar e levá-lo para casa.

Assim que Órunmila (òrúnmilà) se foi, o menino contratou alguns carregadores e foi a todos os lugares onde estavam as preás e os peixes enterrados. Levou tudo para a casa de seu amo. La chegando convidou a todas as pessoas conhecidas de Órunmila, assim como músicos para animar a festa. A mulher de Órunmila (òrúnmilà) ficou surpresa ao ver aquele menino entrar pela casa adentro dirigindo tudo com a maior desenvoltura, como se conhecesse tudo e a todos ha bastante tempo.

Chegando ao mercado, a tardinha, Órunmila (òrúnmilà) foi ate a barraca onde havia deixado o menino e, como não o encontrou, voltou para casa se lamentando por ter perdido o dinheiro na compra do escravo que havia sumido. O que iria dizer em casa? Sem o menino, ficaria desprestigiado perante sua mulher. E, assim, Órunmila (òrúnmilà) , muito triste, seguiu seu caminho, lamentando-se todo o tempo.

Ao se aproximar de sua casa, ouviu um ruido de festa. Apareceu, então, o tal escravo que lhe perturbava o sossego de espirito, acompanhado de muita gente que veio ao seu encontro, dizendo que ele podia ficar tranquilo, pois o escravo já havia

providenciado tudo. Órunmila (òrúnmilà), muito admirado, ficou contente com tudo que viu.

Desde esta data, a fama do escravo passou a correr todos os lugares, ate chegar aos ouvidos do rei. Este mandou marcar uma audiência com Órunmila (òrúnmilà), porque soube que, mal as pessoas iam chegando na casa de Órunmila, o escravo dizia o nome e tudo sobre elas.

No dia designado pelo rei, Órunmila chegou ao palácio e deparou-se com uma especie de disputa entre os dois. O rei havia mandado construir uma casa e colocara dentro dela 100 homens, ordenando, em seguida, que cortassem a cabeça deles para que não revelassem o segredo. O rei queria estabelecer um confronto entre Órunmila e o menino escravo. Órunmila, sendo um grande sábio, não podia ficar desmoralizado.

O rei, então, ordenou que Órunmila dissesse o que tinha dentro da casa. Órunmila ordenou que o escravo falasse em primeiro lugar, e então o escravo disse: "Dentro da casa existem 100 homens que o rei mandou colocar para o meu senhor adivinhar." O rei foi logo confirmando. Órunmila (òrúnmilà), sem vacilar, completou: "Não, senhor, dentro desta casa existem 201 criaturas justas e perfeitas", desmentindo, assim, o rei e o menino.

Ao ouvir isto, o rei ficou indignado e respondeu-lhe: "Você não sabe nada; foi esse menino que disse a verdade." Órunmila (òrúnmilà) não se perturbou e falou: "Se eu sou ainda o Bábáláwo Àgbõnmìnchègun, daqui a cinco dias virei assistir a abertura a casa. Peco, porem, que ninguém mexa nela e deixe tudo como esta ate o dia marcado."

Chegando em casa, Órunmila foi consultar Ifá para ver como resolver aquela situação Ficou determinado que ele fizesse um ebó com uma rã. Depois de tudo preparado, cavasse um buraco dentro de casa e enterrasse tudo. Passados os cinco dias, la estava Órunmila, no dia e hora determinados, na presença de todos. Ordenou, então, que abrissem a casa. Os homens foram saindo em

fila, tendo no ombro de cada um o filhote de Rã. Perguntaram, então: "Quem é o seu pai?", e o filhote respondia: "Rã." E, assim, saíram da casa 100 homens, todos com filhotes de Rã no ombro e, no final da fila, uma grande Rã, que era o pai de todas elas, perfazendo um total de 201 criaturas. O rei perguntou como ele havia feito aquilo, e Órunmila respondeu: "Awo", que quer dizer, mistério.

Com esta demonstração de magia e sabedoria de Órunmila (òrúnmilà), o rei pode ver que ele não adivinhava, mas acertava tudo. E, assim, nunca mais se fez a suposição de que os búzios, ou qualquer outro instrumento para consulta, enxergasse mais do que Órunmila (òrúnmilà).

Esta narrativa está inserida no Odu Ejiolologbon, e tem como personagens a figura de quem joga, representada por Órunmila (òrúnmilà); e a dos búzios, representada pelo escravo. A utilização dos búzios por alguém não faz dele, forçosamente, um emérito "olhador". É necessário um conjunto de situações para determinar a possibilidade de uma tarefa bem-sucedida para a prática divinatória: estudo, competência e, sobretudo, o dom natural para essa função. Os búzios nada revelarão por si só. É preciso saber manuseá-los, conhecer suas regras e ter a sabedoria para interpretar as caídas, ou seja, as configurações.

Eu não posso deixar de comentar que esse mito que foi transcrito pelo José Beniste, o qual é um pesquisador confiável, na realidade é uma cópia modificada de uma História de Ifá, sobre o opele (òpèlè) e é retratada em Ogbè Méjì. Na história de Ifá o escravo é na realidade o opele (òpèlè), que foi enviado por Olodumare para ajudar Órunmila (Òrúnmilà) a pedido deste próprio. A história não termina em conflito, não neste Odù. O conflito existe apenas no Odù Obara-irosun. Eu mantive esta mito como foi transcrito pelo Beniste.

Unindo todos os versos de versos e histórias descritas, é clara a ligação direta entre o eerindinlogun (ẹẹrindínlógún) e Ifá através das mãos do próprio Órunmilá (Òrúnmilà). O eerindinlogun (ẹẹrindínlógún) não é apenas um oráculo de Orixá (òrìṣà) relacionado com Exú (èṣù). É um oráculo de Ifá, que fala através de Odù e tem como Orixá (òrìṣà) base Óxun (Òṣun). Ela é a dona deste oráculo que recebeu de Órunmilá (Òrúnmilà), mas, antes de tudo recebeu para isso o axé (aṣé) do próprio Olódúmarè.

Para se usar o eerindinlogun (ẹẹ̀rìndínlógún) através de Ifá deve-se aprender o Ifá necessário para isso assim como receber de Óxun (Ọ̀ṣun) esta axé. Lembro que no único dos versos que veio do culto de Orixá (òrìṣà), é dito que nem todos os Orixá (òrìṣà) receberam o acesso a este oráculo. Isto é bastante razoável e vai ao encontro do modelo de que em determinadas casas a figura de um Olowo não é apenas uma conveniência do Babalorixá (Bàbàlòrìṣà), mas uma necessidade.

No Candomblé de hoje, este tipo de situação é superada porque o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) acaba não tendo um oráculo de Ifá e sim um oráculo de mediunidade onde não importa o que ele sabe ou não de Ifá ou se o seu Orixá (òrìṣà) não está vinculado com o uso do oráculo. Essas palavras podem parecer estranhas e reacionárias, mas, eu acho completamente razoáveis e procedentes. Não é porque o Candomblé teve que adotar um modelo generalista que as coisas funcionem assim mesmo. Minha opinião é contrária ao modelo atual. Penso que uma casa deve ser grande e formada pela cooperação das pessoas, que com suas qualidades e aptidões pessoais de aprendizado ou legadas pelo seu Orixá (òrìṣà) e Orí, vão ser cada uma uma parte do axé (aṣé) da casa. Ebomis de cada Orixá (òrìṣà) tem que ter participação ativa na iniciação dos noviços dos seus Orixá (òrìṣà).

Um modelo integrado e participativo tem que ser parte do resgate da religião a ser feito pelo Candomblé. Eu não tenho dúvidas que o Candomblé tem muito a que ensinar para as demais tradições, mas, ela também tem que recuperar algumas coisas. Assim, além de se livrar do sincretismo deve resgatar parte da estrutura original da religião.

O oráculo no Candomblé

Não é possível falar sobre a prática real do Oráculo com búzios em Cuba ou África em relação aos seus desvios, que devem existir, mas, podemos abordar como ocorre no Brasil que é o que nos afeta de fato.

O Oráculo por excelência do Candomblé é o jogo de búzios, mas a forma de usá-los muda bastante. Como ele é feito somente pelo Babalorixá (Bàbálòrìṣà) e este é um elegun, um médium rodante, existe sempre um enorme componente de mediunidade envolvido no processo. Pela falta de preparação dos sacerdotes para desempenhar o cargo, em função da proliferação de casas, na minha opinião (sem dados para comprovar), esse componente de mediunidade, hoje, deve representar a sua totalidade, ficando fora disso apenas poucas exceções. Assim, desta forma, no dia a dia, os Búzios são usados muito mais através da vidência do olhador do que pela interpretação é feito pela chamada fala dos Orixá (Òrìṣà) que combina caídas de búzios com Orixá (òrìṣà) e não com Odù.

Mesmo não sendo o jogo de búzios “feito por Ifá”, existe ainda a necessidade de uma formação e preparação para isso para que a sua interpretação seja feita usando as caídas e não um processo simples de adivinhação (vidência). Antes, ninguém sabia o que era Ifá e muito menos Odù, entretanto todo mundo jogava búzios através de orixá e isso nunca foi um problema. Sempre era um Orixá (Òrìṣà) falando e as mensagens eram interpretadas e ditas pelo Babalorixá (Bàbálòrìṣà) através de um misto de vidência e configuração dos búzios.

Os 3 elementos principais do Jogo de Búzios no Candomblé são:

- a) a mediunidade do olhador (sempre vai estar presente),
- b) o orixá que esta falando através do arranjo dos búzios
- c) as configurações dos búzios entre si e com objetos dentro do espaço do jogo.

A estes pilares, se adicionam mais algumas particularidade relacionadas com o método adotado por cada pessoa. Vejam, eu não ignoro ou discrimino o uso da vidência. Mas na minha visão, no jogo de búzios, o primeiro componente é o conhecimento das formas de interpretar as caídas do búzios, seja pela quantidade, posição que caem e configurações. Esta é a forma dos Orixá (òrìṣà) se comunicarem e claro identificar que Orixá (òrìṣà) esta falando. O segundo componente vem através da intuição que poderá dar vidência (visões) e sugestões ao olhador sobre a mensagem.

Esta intuição também está presente em Ifá. O Babalawo é iluminado pelo espírito de ELÁ. O terceiro componente vem a ser a auri-vidência através do qual o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) ouve no seu ouvido informações sobre o consulente e mensagens. Sobre este terceiro pesa sem dúvida a origem de Umbanda de muitos sacerdotes. O ponto de atenção sobre este elemento é ele se transformar no componente principal do jogo. Também existe um problema quando o olhador não consegue distinguir se as informações que ele recebe são intuições legítimas de Orixá (òrìṣà) ou aurividência vinda de elementos estranhos que podem ajudá-lo como também enganá-lo. Os olhadores mais famosos sem dúvida são aqueles que com poucas caídas contam para o consulente longas histórias sobre a vida deles. Mas, isso não é jogo de búzios é você estar consultando com um guia de umbanda.

Mas seguindo, o oráculo do Candomblé é, e sempre foi, um Oráculo de Orixá (Òrìṣà) e não um oráculo de Odù ou de Ifá. O Jogo de Búzios é a ferramenta básica de trabalho de um sacerdote de Orixá (Òrìṣà) na sua casa. O oráculo é a porta de entrada de qualquer pessoa no mundo sacro do Candomblé. Tudo a ser feito passa por um jogo de búzios. Não pode existir um Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) que não tenha um oráculo na mão, porque uma casa não funciona sem um oráculo, ou pelo menos, não deveria funcionar. Toda a consulta ao divino é feita com ele e tudo deve ser feito consultando o divino.

Os búzios, como um oráculo e comparado com Ifá, tem muitas vantagens. Eles são mais simples de aprender e podem indistintamente serem usados por homens e mulheres (seria impensável o candomblé ter um Oráculo que fosse apenas para homens). Além disso, os búzios trazem uma densidade de informação muito maior. Não é um instrumento bom para trabalhar com Odú mas é um instrumento excelente para se dialogar com Orixá (Òrìṣà) e entender o problema e ajudar as pessoas. Não é necessário o olhador ser um expoente da aurividência para ter um bom jogo. Pelo contrário, isso até prejudica porque o olhador vai ficar esperando "ouvir" o que precisa ao invés de concentrar em dialogar com os Orixá (Òrìṣà). Como sempre, lidar com níveis mais baixos de espiritualidade é muito mais simples do que com os níveis mais superiores.

O jogo de búzios usado em sua forma tradicional sempre funcionou e atendeu muito bem ao Candomblé. Isso era o Jogo de Búzios. Mas, em algum momento esta questão de Odù começou a aflorar e passou a ser um diferencial de status ou mercadológico dizer que se jogava búzios por Odù. Sem dúvida, desde o início do século passado com a introdução do método de Bangboxê no Candomblé, o uso dos búzios sofreu muitas variações no decorrer dos anos. A gente tem que considerar inicialmente o fator Umbanda. Um enorme contingente de pessoas que são do Candomblé já foram Pai de Santo de Umbanda (muitos escondem isso) e lá eles trabalhavam

fortemente com vidência e mediunidade.

Essas pessoas tem a clarividência e aurividência muito aflorada. É possível que a totalidade deles não deixe de trabalhar com seus guias de Umbanda mesmo estando no Candomblé. Esta mediunidade muito presente e extensivamente praticada passou a exceder o nível normal de influência no oráculo. **A mediunidade sempre vai estar sempre presente no jogo de búzios do Candomblé**, mas, o que essas pessoas de Umbanda fizeram foi romper com o equilíbrio disso com os outros elementos. A pessoa não pode somente usar a sua mediunidade.

O outro fator foi a abertura do Candomblé. Nos últimos vinte anos o Candomblé passou por uma onda grande de novos entrantes, pessoas com mais formação escolar e cultural. Eles foram o motor de uma expansão do Candomblé como religião por opção, mas, também trouxeram um processo de reafrikanização do Candomblé. Reafrikanização em um sentido restrito, de resgatar elementos perdidos e não de mudar o Candomblé para a prática da África. Assim, incluir Ifá no contexto do Candomblé passou a ser uma meta importante e isso veio através do uso de Odù. Mas, ocorreu de uma forma muito torta sem consistência e altamente esoterizada. O processo foi um erro porque faltava conhecimento real e um modelo de referência.

As pessoas dizem hoje que jogam por Odù, mas isso é ilusório, o método não esta correto. Usam dezesseis búzios e dão nome de Odù para as caídas, mas, ainda, fazem uma associação preponderante entre a caída e um Orixá (òrìṣà). Esta continua a ser a informação mais importante. Em função do Orixá (òrìṣà) que está falando e do arquétipo do Orixá (òrìṣà), aquela caída ganha um significado. Os dois aspectos mais importantes nesta interpretação por Odù feita no Candomblé ainda são a mediunidade e o Orixá (òrìṣà). Existe, sim, um fator novo, de Odù, inserido na interpretação. Isto é feito usando basicamente um mesmo material, que é usado por todo mundo e que possivelmente é baseado no livro do Maupoil, com mais alguns elementos esotéricos e numerológicos. Com algumas poucas variações, a base que se usa é a mesma. Neste material, ruim diga-se de passagem, tudo já esta interpretado sendo assim mais fácil de ser usada do que ter que interpretar na hora da consulta as histórias e mitos. Mas o material não guarda correlação com a abordagem de Ifá para analisar um Odù.

As pessoas atualmente se preocuparam em dizer, rapidamente, que estão interpretando por Odù, mas não se ocuparam de resgatar ou incluir os elementos fundamentais para uso de Odù em um oráculo. O primeiro elemento ignorado foram as histórias que foram substituídas pelas interpretações (resumos). Ifá não existe sem histórias. Elas trazem a cultura oral com seus valores e ética. A interpretação das histórias em conjunto pelo olhador e pelo consulente são umas das formas do olhador compreender a pessoa e seus problemas. Não existe interpretação certa e as pessoas

podem olhar a mesma história de forma diferente. Assim uma história é um elementos que traz muita informação ao olhador, mas, necessita da participação do consulente.

Igualmente se perdeu o uso dos *ìbò* para poder interagir com o Orí do consulente. Minha opinião é que esse foi o pior aspecto da deterioração do uso do Jogo de Búzios no Candomblé. Deixou de ser um processo interativo, um processo que o consulente participa do oráculo para ser um processo no qual apenas o Babalorixá (Bàbálòrìṣà) fala e diz aquilo que quer, sem saber quando fala bobagem. Além disso entra um novo elemento, a numerologia, também herdada da Umbanda e tem gente que inclusive faz Odù só com números, a partir de nome, de data de nascimento, etc... Aliás, não existe essa relação de Odù e número, isso foi um sincretismo. Dessa maneira não tem nenhuma utilidade fazer contas com nomes e data de nascimento e querer associar isso à pessoa. Inclusive, é muito comum se usar a expressão de se determinar o Odù de nascimento através da data de nascimento. Isso é tão verdadeiro como se determinar a Orixá (òrìṣà) da pessoa de acordo com o dia da semana em que ela nasce, ou seja, não existe isso. O Odù de nascimento somente é determinado em Ifá até o 8 dia do nascimento e com a presença do recém-nascido. Depois disso nunca mais. Dessa forma, elas dizem que jogam por Odù, mas ignoram 3 coisas muito básicas para se usar Odù.

- 1º) usam muitos Odù para interpretar ao invés de um principal.
- 2º) não usam as histórias.
- 3º) não usam o Orí do consulente para as respostas, não usam os Ìbò.

Eu inclusive já ouvi uma pessoa que diz que usa esse método dizer que os caminhos dos Odù é você determinar se o ebó vai ser na praia, no mato, na rua, na encruzilhada, etc... Observem que, como eu disse no início, Ifá não é baseado em Orixá (Òrìṣà), é baseado em Órunmilá (Òrúnmilà), em Orí e no nosso destino. Eu considero que tão importante quanto Órunmilá (Òrúnmilà) é Orí em uma consulta de oráculo. Não existe consulta de Ifá sem que o Orí participe diretamente nas respostas através dos Ìbò. Entretanto essa prática não existe mais no jogo de búzios, se existir é uma minoria, ou talvez raridade. É provável que o consulente nem pegue nos búzios antes de eles serem jogados para ele. É impossível, você colocar 2 Babalorixá (Bàbálòrìṣà) interpretando o mesmo jogo, assim como é impossível um Bàbálòrìṣà chamar outro para ajudar ele no oráculo. Cada um só sabe ler o seu e não diz para o outro o que sabe ou o que não sabe.

Em Ifá é diferente, ou usando qualquer oráculo de Odù você pode colocar 16 Babaláwo interpretando o mesmo Odù, eles vão falar a mesma coisa e poderão discutir interpretações ou

complementar as informações. É muito comum terem sempre 2 bàbáláwo em uma consulta, um ajudando o outro. Isso é possível porque eles estão tratando da mesma base de conhecimento e do mesmo processo. Mas esse é o nosso caldo cultural e Ifá vem muito recentemente se adicionando.

A seguir, em poucos itens, os desvios do Jogo de Búzios que descaracterizaram a sua ligação com Ifá e o transformaram em uma “jabuticaba” :

a) Números:

Existe uma paranoica ligação dos búzios com número. Isso não faz parte de Ifá, Odù não tem número nenhum associado e no máximo tem marcas gráficas. O uso de números é uma coisa externa à religião Yorùbá. É um sincretismo esotérico com numerologia. Neste contexto se inclui aquela cruz maldita feita com a data de nascimento. Aquilo não faz parte de Ifá. Também igualmente ridículo é determinar Odù usando o nome da pessoa. Primeiro se transforma o nome em um número e depois em um Odù. Isso não existe em Ifá.

b) Histórias:

É o elementos mais básico de Ifá, uma cultura oral. Não existe Ifá sem versos. No Candomblé, o Jogo de Búzios, abandonou as histórias associadas aos Odù. Ninguém sabe e nem procura saber quais são. No Dillogun cubano essas histórias são muito bem organizadas e colecionadas. As pessoas, atualmente, nem mesmo procuram saber os mitos históricos associados aos Orixá, que não fazem parte de Ifá e sim do próprio culto de Orixá, e que são importantíssimos na transmissão dos valores da religião. As pessoas se orgulham de dizer que o Candomblé é uma tradição oral. Mas, só fazem isso para justificar a sua preguiça ou incapacidade de estudar e ler. Tradição oral é obter os conhecimentos nas estórias. No jogo de búzios, as histórias foram substituídas por significados. Para cada Odú foram pré-estabelecidos significados e o máximo que a pessoa aprende são esses significados pré-interpretados. Não existe interação entre o olhador e o consulente na análise das histórias e nem as explicações dos valores morais da religião.

c) Nomes de Odù:

Confusos. O eerindinlogun é Ifá, feito com os 16 Odù méjì. Esta é a definição principal. Desta maneira os nomes de odù tem que ser os mesmos de Ifá. Os nomes usados no jogo de búzios variam e incluem nomes de omon odù (ofun karan, obeogunda) e outros que não existem (alaafia (?), ejilaxeborá).

d) Não se usa os Ìbò:

A maior parte das pessoas nem sabe o que é. Sem o uso de Ibô acabou a interação entre o olhador e o Ori do consulente. O Olhador responde o que a sua mediunidade indica. Igualmente acabou com isso a seleção das oferendas e ebós usando o oráculo. Ao invés de usar o Ibô para

determinar o que será feito, o olhador de forma arbitrária e questionável, diz e detalha o que vai ser feito.

e) Arquétipo de Orixá:

Pela falta de conhecimento do que é Odù, e de sua interpretação, ocorreu um processo simples e direto de associar búzios a um número, este a um odu e por fim (o que interessa mesmo), este a um orixá. O que importa é este orixá. Pelo arquétipo do Orixá a pessoa diz o problema da pessoa ou a quem deve recorrer para solucionar.

f) Orientação de Odù:

Abandonado. No Jogo de Búzios não se determina se o Odù esta em Ire ou Ibi e isso é muito básico em Ifá. Depois de determinar o Odù a primeira coisa que fazemos e saber sua orientação e intensidade. Isso é parte da interpretação. No jogo de búzios isso não é feito. Sem a determina a orientação também não existe a determinação de qual o tipo de Ire e Ibi. Novamente, o olhador fala o que sua mediunidade indica.

g) Uso de objetos:

É muito comum usar objetos colocados na peneira para traduzir significados. Este é um aspecto animista que não faz parte de Ifá e muito menos do eerindinlogun.

h) Quantidade de caídas:

Em Ifá usa-se uma sequencia de 4 Odù para se interpretar o problema e a solução para o consulente. Esta sequencia se inicia com o Odù principal que traz o problema. Seguem os seus testemunhos, que trazem o detalhamento e que indicam o que deve ser feito, complementando o significado do primeiro, nunca substituindo. Estes Odù foram usados para se determinar o seu estado (2 deles) e podem ainda ser complementados pela sombra ou um odu feito com partes de outros. Cada Odù tem seu significado nisso e utilidade, complementando o principal.

No Candomblé muitos até fazem as 4 caídas, mas, a forma de utilizar cada uma delas, não é clara. O motivo das 4 caídas é o mesmo de Ifá, mas, foi mantida apenas as quantidade de caídas, sem o seu significado, porque não se determina o estado do Odù. Vejam, dizer que tem um oráculo com Odù que não se determina a orientação e o tipo de influência, é o mesmo que não ter um oráculo de Odù. Só essa razão estrutural já seria o bastante para dizer que o Jogo de Búzios não tem nenhuma relação com Odù. Após esta sequencia estruturada, em Ifá pode se iniciar uma outra respondendo a questionamentos do consulente, através do seu Ori e usando os Ibô. Assim a quantidade de interações desta fase não estruturada é indefinida, mas, a fase relativa ao Odù se encerra com a determinação completa do seu estado.

i) Determinação do Ebó:

Em Ifá a determinação do Ebó para e pelo Ori do consulente. É um processo interativo usando o Ibô. Existem um conjunto de opções e detalhamento disso. No jogo de búzios o olhador normalmente termina a sua consulta dizendo o que vai ser feito, ou então ele faz uma caída, olha para ela e sai passando o que fazer. Dificilmente ele passa por um processo interativo de escolha. O próprio processo de selecionar o que vai ser feito usa critérios pouco objetivos onde um Odù que não fez parte de nenhuma das 4 caídas pode receber um Ebó porque apareceu em subformações de búzios. O que liga um Ebó a um odu é geralmente a quantidade de elementos. Assim, de novo a neurose da numerologia influencia o jogo de búzios, como se Exu fosse contar o número de coisas para saber qual o Odù. A maior parte das pessoas faz a escolha do Ebó estritamente ligado a um Orixá. Assim, eles definem como ebó uma comida votiva ligada ao Orixá que ele entendeu que falou no jogo. Como expliquei a quantidade de búzios determina o Orixá e assim a saída é então oferecer uma coisa para este Orixá.

Conclusão sobre eerindinlogun (ẹẹrindínlógún) e Ifá

Eu não tenho como objetivo ser panfletário para nenhum lado. Me interessa de fato a verdade, os fatos e os fundamentos. Para poder dar essas explicações colocando a minha opinião sobre esse assunto eu tenho me dedicado a muito tempo a essa questão, sempre buscando novos argumentos e novas formas de ver isso.

Eu considero que owó eyo merindinlogun (owó eyo m̀erindínlógún) é para ser usado para trabalhar em Ifá, com Órunmilá (Ọ̀rúnmilà), Odù e Orí. Isso poder ser feito usando somente os Odù Méjì, como também com os 256 Odù, dependendo da preparação do olhador. Claro que falar em interpretar 256 Odù com búzios é uma coisa polêmica, mas, os cubanos já o fazem. Lá eles só não chamam de omon odù, chamam de odù composto, mas é a mesma coisa.

Para fazer isso, usar os búzios para interpretar Odù - owó eyo merindinlogun (owó eyo m̀erindínlógún) - é necessária um aprendizado adicional, que não é o mesmo de Ifá, é parte do aprendizado de Ifá, como disse Órunmilá (Ọ̀rúnmilà), no mito, mas que requer adquirir conhecimento novo e treinamento. O resgate das histórias da origem do owó eyo merindinlogun (owó eyo m̀erindínlógún) deixa clara que esta capacidade foi dada ao Orixá (Ọ̀riṣà) Óxun (Ọ̀ṣun) e que esta divindade não é um Bábáláwo e nem poderá ser.

Mas, é necessário aprender como se faz isso, testar a pessoa para saber se ela possui este axé (aṣé) ou mesmo prepará-la para isso. No Candomblé todo axé (aṣé) é ou pode ser transmitido, como o conhecimento. Um Babalorixá (Bábálòriṣà) não tem que pensar que precisa virar um Bábáláwo para poder ter um bom oráculo baseado em Ifá. Ele pode, em primeiro lugar, usar o seu jogo de búzios como o faz, desde que tenha aprendido de fato a Jogar Búzios no Candomblé, com Orixá, e não um jogo trazido da Umbanda baseado em vidência. Em segundo, se ele quer alinhar o seu jogo de búzios com Ifá ele vai precisar aprender como se usa búzios com Ifá. Vai ter que ter muito cuidado com isso, porque Bábáláwo aprendem a usar Ifá com instrumentos de Ifá. Bábáláwo cubanos nem podem pegar em búzios, assim, tomem muito cuidado com quem vão se meter.

Aos seguidores de Orixá (Ọ̀riṣà) é reservado um oráculo com a mesma verdade, mas um aprendizado mais simplificado, adequado a complexidade de seu culto e dia a dia. Também é reservado ao owó eyo merindinlogun (owó eyo m̀erindínlógún) a capacidade de tratar dos assunto do culto de Orixá (Ọ̀riṣà). Pessoas de Orixá (Ọ̀riṣà), não precisam procurar em Ifá, o seu oráculo. Precisam procurar este axé (aṣé) em Óxun (Ọ̀ṣun), no seu próprio culto.

Mas adquirir o novo conhecimento pode esbarrar no comodismo de não querer estudar uma coisa que se pode fazer por mediunidade ou mesmo na dificuldade de buscar esse

conhecimento. Pode-se também levar a em uma casa a tarefa do oráculo ser dividida com outra pessoa uma vez que nada garante que o Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) vai ter esse axé (aṣẹ́). Isso não diminui ninguém.

Os Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) tem que dar valor às pessoas que tem para que elas fiquem na sua casa, uma casa grande e forte. Eles tem que considerar que sua tarefa é muito maior do que se perder em detalhes ou querer achar que pode saber tudo melhor que todo mundo. A sua liderança jamais será abalada se ele compartilhar funções na sua casa e se ele tiver outra pessoa para dividir o oráculo. Pelo contrário ele será muito mais forte. Como eu disse, Ifá traz um novo paradigma para o Candomblé. Possivelmente um paradigma saudável. Infelizmente o fato de não termos tido Ifá na história do Candomblé permitiu que os Babalorixá (Bàbàlòrìṣà) adotassem a forma que lhes convinha sem ter nenhum modelo de referência para questioná-los.

Contudo, o instrumento jogo de búzios jamais vai ser equivalente ao Ikin ou Opele. O conjunto de informações que ele lida são menores, mas, não deixam de ser a verdade. Isso está explicado das histórias e também na prática. Isto quer dizer que qualquer pessoa do culto de Orixá (Òrìṣà), através deste Orixá (Òrìṣà) poderá receber a mesma capacidade de manipular o oráculo recebido através de Órunmilá (Òrúnmilà) e com o axé (aṣẹ́) de Olódùmarè, mas não será equivalente a um Bàbáláwo, pois a este é reservado um oráculo com uma capacidade mais profunda da análise da vida e ao destino das pessoas.

Gostaria de lembrar também que alguns Orixá (Òrìṣà) são considerados Bàbáláwo por natureza e isso adiciona um pouco de complexidade a esta conversa. Por exemplo Oxumare e Xango (Ṣàngó). O Bàbáláwo Ayo Salami, no seu livro Yoruba Theology and tradition, quando comenta sobre os instrumentos de Ìbò, cita que um Édun (pedra de raio) jamais poderia ser utilizada por um Bàbáláwo para representar uma pergunta a Xango (Ṣàngó), porque "... isto seria equivalente a usar um babalawo para inquirir um outro babalawo no mesmo opon. Xango é um babalawo." Eu tenho razões para supor que o método de Bangboxe era aderente ao método de Ifá e que isso foi perdido, sendo os seus mecanismos substituídos gradualmente pela mediunidade ou por essa coisa sem sentido que é a numerologia.

Hoje em dia temos uma nova opção com o estabelecimento em bases perenes do culto de Ifá no Brasil, mas não tem ajudado a atitude de muita gente de Ifá. Seja os nativos que entram no culto e se acham o próprio Deus, ou no mínimo acima do resto dos mortais, sejam de cubanos que vem com suas bases Ifá-Lukumi sejam os africanos que vem, sei lá com que. Esse é mais um desafio que o Candomblé está faceando. A sua primazia na posse de um Oráculo está definitivamente com os dias contados e o culto de Ifá irá de forma definitiva tomar para si, como

tem feito, a propriedade de ter o verdadeiro oráculo de Ifá em detrimento a forma oracular pouco estruturada que usa o mesmo nome no Candomblé. Deixo fora deste texto a polêmica levantada nos versos de Salako no qual determinados Orixá (Òrìṣà) não teriam acesso a esta oráculo.

Acho mais, este novo modelo de referência vai fazer com que a forma como o jogo de búzios existe hoje se transforme, ou resgatando sua natureza inicial, ou migrando, de fato para um oráculo integrado a Ifá e acabar essa prática das pessoas se enganarem, e enganarem, dizendo que o que fazem é jogar búzios por Odù.

Fonte:

<http://blog.orunmila-ifa.com.br/2012/05/o-jogo-de-buzios-e-ifa-parte-1.html>

Adaptação e Layout: Luiz L. Marins

CULTURA YORUBA

<http://culturayoruba.wordpress.com>